

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 20 DE FEVEREIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 60.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	J. DO EGYPTO.
Octaviano Hudson.....	V. MAGALHÃES.
Suicídio de uma familia.....	A. BATAILLE.
O rocim de Sancho.....	J. S. MONTEIRO.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
Sociedade internacional de estudos brazileiros.....	
Correio litterario.....	
Poesia e poetas.....	A. DE SOUZA
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Louca de amor.....	B. DE OLIVEIRA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Paginas esquecidas, poe- sia de.....	B. GUIMARÃES.
Factos e Noticias.....	
Contos a premio.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	1\$000
Anno.....	2\$000

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A Semana por todo o anno le 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, POR VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A Semana, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A Semana por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar

d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelfina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPUS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignaram A Semana por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettemos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Continúa na chefia de policia d'esta capocirosa cidade o Sr. desembargador Coelho Bastos, apesar da guerra desesperada, do tirotoio incessante furioso que diariamente lhe faz a imprensa, com uma unanimidade excepcional e que seria mortifera se contra outro coelho fosse dirigido; apesar dos artigos dynamiticos da *Gazeta da Tarde*; apesar das ultimas *Cousas Politicas*, da *Gazeta*, que terminaram com este balazio: «Talvez ainda, o Sr. Coelho Bastos consiga dominar pelo terror; respeito, já deve ter perdido a esperanza de impor a quem quer que seja, que tenha um pouco de dignidade e algum conhecimento dos homens e das cousas do nosso tempo.»; apesar de todas as inequivocas provas de desagrado que lhe tributa a população cujas vidas e propriedades lhe estão confiadas; apesar de tudo, de tudo, de tudo— S. Ex. continúa no seu cargo.

Porque?

Pela razão justamente d'aquella guerra, d'aquelle artigo e do desagrado geral.

S. Ex. tem o apoio do Imperador e do Governo: dispensa, portanto, o da imprensa e o da Opinião Publica. Quanto mais esta lhe fizer caretas, quanto mais aquella o atacar e repellir, mais firme ficará S. Ex. na sua poltrona da rua do Lavradio. E' de todo o interesse do Governo desprestigiari a imprensa, mostrar que ella nada pôde e que neste paiz existe unicamente um poder: o Poder.

Consequentemente, tomem os meus collegas o seguinte conselho,—que con-

tra a desvantagem de ser nosso, tem a vantagem de ser gratuito—: caltem-se, não censurem mais o Sr. chefe de policia, passem mesmo a elogial-o discretamente, com sábia e perspicua habilitade, e não de ver como S. Ex. abandonará a toca, de que tem sido impossível até hoje desencafiá-lo.

Cessem os tiros os infatigaveis caçadores e d'aquelles bastos matagaes da policia ha de por fim—sahir coelho.

Do contrario, perderão toda a sua polvora e todo o seu latim.

A questão agora já é de—birra.

Enquanto os jornaes lhe gritarem: —«Saia!» S. M. e o Governo lhe dirão: —«Não saia!» E S. Ex. continuará.

Passemos todos a pedir-lhe meloriosamente: —«Não saia!» e os outros, então, radiantes de triumpho, lhe dirão: — Bem: agora pode sair.

E como dos males o menor: —passemos a implorar ao Sr. chefe: — Não saia, Exm. não saia!

Tranquillise-se a lavoura, se é que ainda precisa de se tranquillisar. O que não seria para aduirar. Desde o ministerio Saraiva que a pobre lavoura não faz outra cousa; é natural que se tenha habituado a — tranquillisar-se.

Final, um pouco mais de tranquillidade não pode fazer-lhe mal. Tranquillise-se, portanto, a lavoura mais uma vez: — o Sr. barão de Cotegipe não tenciona apresentar ao parlamento nenhum projecto sobre o elemento servil, como fizeram crer infundadas indiscrições da imprensa. Eis a declaração do Sr. presidente do conselho pelo seu respeitavel porta-voz — o *Diario Official*:

« Não tem o menor fundamento boato de que o Sr. presidente do conselho pretende apresentar na proxima sessão legislativa um projecto para a extincção do elemento servil dentro do prazo de cinco annos.

« Até hoje não ha motivo para que S. Ex. tenha mudado da opinião que enunciou na sessão de 21 de Setembro do anno passado. »

Tomará a imprensa juizo depois d'esta declaração?

O Sr. barão de Cotegipe até o dia 16 do corrente (o *Diario Official* esqueceu-se de marcar a hora e foi pena) não tinha motivo para mudar da opinião que enunciou na sessão de 21 de Setembro de 1885.

Não é possível que S. Ex. ainda venha a ter um motivo para mudar da tal opinião; mas não é provavel.

Se o elemento servil, faz muito empenho em que tal aconteça dirija-se ao Padre Eterno e peça-lhe com quanta contricção e *padres-nossos* tiver á mão que — forneça ao Sr. barão um motivo-sinho que o faça mudar de opinião, approximando-o do seu celeberrimo e tão esquecido — *póde, quer e deve*.

Quanto a nós apenas podemos dizer: — Amen!

Um homem chamado Athanasio Chuchú pôde ter talento inventivo, pôde in-

ventar qualquer coisa — menos uma espingarda. Pois foi exactamente a coisa unica que Sr. Chuchú não podia nem devia inventar, foi essa que elle inventou.

Como Athanazio, ainda poderíamos conceder-lhe que inventasse pr'ahi qualquer coisa: uma pomba para os callos, uma nova forma de guarda-chuva, ou uma nova marca de cigarros; como *Chuchú*, porém, S. S. não tinha direito a inventar coisa nenhuma que não fosse de cozinha: uma cacarola, uma escumadeira, um espeto para *roast-beef*... Mas uma espingarda! Isso nunca!

Remington, Krupp, Lafouchée, são nomes proprios de inventores de armas mortíferas.

Possuem o *onomatopéismo* conveniente. Mas Chuchú! Não podemos crer que uma espingarda — *Chuchú* possa matar dois mil e quatrocentos homens em uma hora, a não ser — de riso!

Pouco nos importam as noticias das folhas e a opinião dos competentes, que affirmam o contrario. Não, não é possível.

Athanazio e Chuchú! — não, não é possível!

Olhe, não tomariamos ao serio a sua terrivel arma, embora nos estirasse com ella, «morto da Silva»

Pois mesmo depois de morto, continuariamos a bradar-lhe:

— Não, Chuchú, não! não é possível!

A Ilma. Camara acaba de exigir dos fabricantes de balas em carrocinhas mais 500\$ para o *Livro de Ouro*. Esses infelizes ja pagavam á Camara 117\$600, sendo 10\$ pela licença para fazer e vender balas, 100\$ pela joia para estacionar com a carrocinha em ponto certo, e pelo carimbo e numeração da carrocinha — 7\$600. Pois a Ilma. achou pouco e, por sua alta recreação, decretou novo imposto, e este de 500\$; de forma que aquelle conhecido *Ré dei caramellieri*, que reina ali no largo de S. Francisco, se quizer continuar a fazer e vender as suas balas terá de *cuspir* nos cofres insaciáveis da Camara nada menos de — 617\$600. Miseros baleiros! Juntamos as nossas supplicas ás do *Jornal do Commercio*: — piedade para com aquelle pobre monarcha dos rebuçados. Donativos adquiridos á custa de verdadeiras extorsões, philantropia á força de violencia e illegalidade não são donativos nem philantropia.

S. M. a Imperatriz, cujo anniversario a Ilma. quer celebrar, libertando escravos, não ficará por certo contente ao saber que aquellas cartas de liberdade foram adquiridas á custa do suor e do assucar dos pequenos industriaes.

Suspenda a Ilma. a sua cruel tributação, que lhe offerecemos cousa melhor para compensar-lhe a falta. Ah! vai:

Imponha aquella taxa aos baleiros... da *Gazeta de Noticias*, *Lulú Senior*, *Decio*, *Zig-Zug*, *Lelio*, *João Bigode*, *Publicola*... et *réliqua* são fabricantes de balas muito mais procuradas e perigosas, — porque não é de assucar que principalmente são feitas, — do que as dos pobres confeiteiros ambulantes. Sejam elles os tributados. Paguem elles as favas, quer dizer: — as balas.

JOSE DO EGYPTO.

Publicaremos no proximo numero uma excellente carta do nosso distincto collaborador Emilio Rouède ao Sr. Felix Ferreira, a proposito do seu folheto sobre a «Sociedade Bibliographica.»

OCTAVIANO HUDSON

Repousa hoje no eterno somno um dos homens mais populares, mais vistos, mais conhecidos, e, não obstante, um dos mais obscuros e humilhes d'esta cidade.

Quem não conhecem o Hudson?

Quem ignorava que aquelle homem, já affastado da juventude, pallido, de grandes cabellos e grandes barbas descuradas, longa sobrecasaca de abas ao vento, olhos pensativos, physionomia ascética bonfosa, sempre activo e sempre discreto, surgindo em meio da indigencia e dos soffrimentos como um acaso providencial e desaparecendo como uma sombra, quem ignorava que aquelle homem era o Hudson, o poeta da *Musa do Povo*, o eterno pedinte em nome da infancia sem pão e sem luz?

Todos o sabiam e por isso estimavam-no todos.

Alguns riam-se d'elle.

Não de escarneo ou de mófa.

Riam-se, porque elle, coitado, com o seu legendario deslinho de roupas e com a sua completa indifferença por todas as galas da vida e com o seu absoluto desprezo pelas grandezas pequenas da vaidade e das falsas glorias, era um typo original, extraordinario, unico na sociedade em que vivia.

Todos o sabiam intelligente, laborioso e bom. E se despertava o riso era por ser inoffensivo. A sociedade teme e linsongea os máus, detesta-os; estima os bons, mas ri-se dos inoffensivos. Ora o Hudson era uma e outra cousa.

Por isso riam-se d'elle alguns, estimando-o todos.

A ignorancia, a fraqueza e o desvalimento tinham nelle o seu «irmão Ignacio.»

Pelas suas mãos honradas, sempre estendidas a esmolar, passaram muitos contos de réis, sem que d'ellas uma so moeda resvalasse para a sua algibeira sempre vazia.

Distribuiu fortunas pelos pobres — aquelle pobre.

Na sua modesta e nem sempre harmoniosa *Musa*, que elle chamou *do Povo*, porque por elle cantava e pedia, não deixou nunca de ecoar um soluço de desgraça nem um hymno de triumpho.

Com suas singelas sextilhas, apropriadas á intelligencia popular, prestou o Hudson muitos e bons serviços á Caridade e á Instrucção Publica.

Esta verdade não soffrerá com a recordação dos epigrammas e facécias com que foi muitas vezes alfinetada a *Musa do Povo*.

Apressemos-nos a registrar outra verdade que honra muitissimo a memoria do heroico e despretencioso trabalhador da imprensa, hoje sepulto.

E' esta: — Em meio das acensações e das pilherias de que foi victima por vezes, nunca a sua honestidade foi suspeitada, nunca o seu desinteresse foi posto em duvida.

De mocidade fogosa, talvez irreflectida algumas vezes, a sabia e dolorosa experiencia do tempo fez de Octaviano Hudson um homem util, menos para si que para todos, trabalhador indefesso e cidadão honrado.

Entre os innumerados beneficios que fez á infancia não póde ser esquecido o seu methodo de leitura, anterior ao de João de Deus, segundo creio, e de grandes vantagens practicas.

E' curioso o que vou dizer: — Não conheci pessoalmente o companheiro de lides jornalisticas que acaba de cahir. Não houve nunca oppertunidade que fizesse o nosso mutuo conhecimento.

Apenas uma vez troquei com elle duas ou tres palavras. Foi na festa do encerramento dos trabalhos do Instituto dos Sordos-Mudos, Hudson, admiradissimo pelas maravilhosas provas de lingoagem articulada, apresentadas, pelo Dr. Menezes Vieira, fez-me não sei que pergunta, á qual respondi.

E nunca mais trocámos palavra.

A occasião em que por mais tempo estive perto do Hudson foi no sabbado passado, em que cumpri o tristissimo dever de, representando esta folha, acompanhar o seu calaver ao derradeiro pouso.

O nome do fallecido *reporter* do *Jornal do Commercio* ha de ficar na historia do jornalismo brasileiro; não como o de um jornalista notavel, mas sim como o do homem da nossa imprensa que d'ella mais se aproveitou em beneficio de todos os que padecem fome de pão ou de luz, com especialidade das crianças, com as quaes repartia, christãmente, todos os thesouros do seu coração e todos os proventos do seu trabalho.

VALENTIM MAGALHÃES.

O enterro do antigo e probo auxiliar do *Jornal do Commercio* foi dos mais concorridos e dos mais significativamente pomposos a que temos assistido.

Além da imprensa da Corte, que se fez representar em sua totalidade pelos directores das folhas como por seus redactores e reporters, estiveram presentes numerosos amigos do finado, alguns de elevada posição social e politica, commissões representativas de varios estabelecimentos de Caridade e Educação etc.

O caixão ficou inteiramente coberto por grinaldas e coroas funebres, entre as quaes uma, de grande valor, enviada pela Exma. Sra. D. Amanda Parana-guá Doria; e entre as grinaldas via-se um livro symbolico, homenagem dos reporters, no qual, atravessado por uma

penna e um lapis, liam-se as palavras: *Trabalho, Peregrinas e Caridade*.

O rosto do finado foi coberto por um lenço de cambraia, de finissimas rendas, enviado para esse fim pela Exma. Sra. D. Leocadia de Araujo.

Do alto da lajeira do Barão de Guaratiba o caixão foi conduzido à mão pelos collegas da reportagem até à rua do Cattete: d'ahi levado a pequena distancia para o carro pelos Srs. Boccayva, Ferreira de Araujo, José do Patrocínio, Angelo Agostini, Valentim Magalhães e Luiz de Castro. No cemiterio levaram o caixão à carneira os Srs. Visconde do Parangará, conselheiro Doria, Dr. Cláudio Rosa, Souza Ferreira, H. Villeneuve e Bernardino Gonçalves. Junto da sepultura oraram os Srs. Achilles Varejão, Arthur Ferreira Vianna e Arthur Palmeira Ripper, alumno do collegio Amorim Carvalho.

Nesse enterramento honrosissimo, nos artigos de toda a imprensa, e com especialidade no artigo de fundo — homenagem rarissima — que lhe deu o *Jornal do Commercio*, em todas as manifestações de pesar pelo fallecimento de Octaviano Hudson se patenteou que esse homem, na sua obscuridade e na sua pobreza, era um dos mais dignos da estima e da consideração geraes que nunca lhe faltaram.

Por iniciativa do *Jornal do Commercio*, acha-se aberta na imprensa uma subscrição publica para collocação de uma lapide de marmore no tumulo d'aquelle que nson em vida do sympathico e honrado nome de Octaviano Hudson. Adherimos de coração a essa idéa, á qual offerecemos a fraqueza dos nossos recursos.

Na quinta feira, sétimo dia do pasamento do cantor das *Peregrinas*, reeson-se na igreja de S. Francisco de Paula uma solemne missa em que officiou o Exm. vigario geral do bispado, acolythado pelo Dr. Antonio Manoel dos Reis, e um relactor da *Vanguarda*, servindo de presbytero assistente o Rm. padre Mutum.

Dez minutos antes da missa foi executada, no coro, á grande orchestra, sob a regencia do maestro Cavalier, a *Marche funebre*, do Sr. L. Lambert Filho, e durante o officio a *Elegie marche*, do Sr. L. Lambert.

A igreja estava repleta. Toda a redacção do *Jornal do Commercio*, a imprensa da Corte em sua totalidade, directores de estabelecimentos pios e educativos, professores e alumnos das escolas municipaes e numerosos amigos do finado, rendiam ao honesto e chorado apostolo da Caridade e da Instrucção o derradeiro preito de admiracão e sympathia.

A *Semana* fez-se representar pelo seu director.

SUICIDIO DE UMA FAMILIA

CASO HORROROSO!

Da *Gazeta dos Tribunes*, do *Figaro*, de 17 do mez passado, traduzimos a seguinte narrativa de um crime hediondo, inteiramente novo nos annaes

judiciarios, que envolve um dos mais dolorosos dramas reaes de que temos noticia, e que, se fora romance, seria considerado o cumulo do exaggero e da inverosimilhança.

Fale o chronista judiciario do *Figaro*:

«A imaginação dos romancistas nada conceberá de tão pungente como o drama da vi la real de que nos deu o desenlace o corrio de Quimper.

Francisco Paul, o accusado (Paul é o nome de familia), era um pobre cultivador, dos arrelores de Brest. Tendo obtido baixa do serviço militar em 1875, cazou-se. Tres filhos lhe nasceram e, no principio do ultimo outomno, a mulher de Paul achou-se grávida pela quarta vez.

Era desoladora a miseria d'esta familia. Todas as tentativas de melhorar de sorte feitas pelo chefe, falharam-lhe. Vio-se obrigado a fechar a sua miseravel taverna, depois de abandonar uma pequena quinta que não pudera continuar a cultivar por falta de recursos.

Acabrunhado pela fatalidade, sem dinheiro, sem pão, devendo 50 francos ao paleiro e não tendo por vestes senão miseraveis andrajos, Paul resolveu suicidar-se com sua mulher e seus tres filhos. Comprou com a ultima moeda de cinco francos que possuia um par de meias de lã e uns tamanquinhos para sua filha Maria Yvonne para quem não fizesse descalça a sua ultima caminhada e na manhã de 3 de Setembro, depois de feitos os adeuses ao resto da familia, o pa e a mãe partiram com os tres filhos.

Tomaram o caminho do mar, o caminho da morte!

Paulo levava no collo o pequeno, Eugenio Olivier, de tres annos; a sua mulher apertava ao seio a mais novinha, a pequena Maria Yvonne, enquanto seguita a pé entre os esposos a mais velha, Maria Francisca, de 5 annos.

Chegado perto dos roche los, no lugar denominado «Rhodi» Paul comprehendeu que, tanto a mulher como as crianças não poderiam descer á praia sem o seu auxilio; levou-as elle proprio até á beira da praia.

Um barco de pesca ancorava a alguma distancia, Paul fez sentar sobre as pedras a mulher e os filhos e esperou pacientemente a partida dos pescadores.

Quando a embarcação se fez ao largo, o desgraçado tomou nos braços o rapazinho, a mulher fez o mesmo com a pequenita Maria Yvonne, e dando cada um a mão á mais velhinha metteram-se pelo mar.

A maré baixava e tiveram de andar muito para chegar ao redemoinho que deveria tragal-os. Emfim, quebrou-se a cadeia funebre. A mãe, fulminada por uma congestão, cahiu, primeiro, com a pequenita que levava ao collo, arrastando consigo Maria Francisca, á qual dava a mão.

Instantes depois Paul abre os braços por sua vez e agarran lo o filho que se lhe estreitava desesperadamente ao pescoco, pree piton-o no abysmo.

So elle restava. Teve medo!

E, desambaraca lo então do cacho humano que arrastara consigo, recuou e alcançou rapidamente a praia. Foi encontra lo por alguns pescadores quasi exanime sobre o penhasco, o rosto de encontro á areia, chorando amargamente, e sperando — dizia elle — que a baixa-mar trouxesse á praia os quatro cadaveres.

— Eu quiz viver, exclamou o miseravel, quiz viver para que elles fossem enterrados em sagrado.

Auxiliaram-n'o a levar as desgraçadas victimas á igreja da villa. Depois o pa e foi entregar-se expontaneamente á policia.

Esse desesperado acaba de responder ao jury de Finistere, accusado de haver assassinado sua mulher e seus tres filhos. O jury teve em sua presença um homem cuja dor compungia e que reclamava para si a pena de morte em gritos angustiosos:

«Senho presidente—respondeu Paul ao Conselheiro Perussel, que dirigia os debates — eu sou mais desgraçado do que o foram meus filhos e a minha pobre defuncta. Tire-me a vida: mandae-me atar de mãos e pés e lancar-me ao mar. Não tenho medo da morte. Matar-me, mas não me tortureis, não me fatiguis com perguntas, que vos não responderei mais.»

A accusação foi feita pelo Sr. Fretan I, procurador da Republica, que pediu a pena ultima.

Mas, abalado pela commovente defeza do advogado Cormier, que allegou a irresponsabilidade e a loucura, o jury bretão reconheceu circumstancias atenuantes e concedeu-lhe, em vez da pena de morte — triste graça! — a pena de trabalhos forçados por toda a vida.

ALBERT BATAILLE.

O RUCIN DE SANCIO

Vivi a vida austera e nobreme etc, sentindo, como um rei seu regio farlo, dura albarda a pizar-me o dorso pardo, duro freio a trilhar-me o beigo quente.

Prático, digno, o miserando nardo da estrophe alada, vii la e fremente, não preferi jamais ao brando carlo — ao banal nos dictames de um prudente.

Morro, mas fica a minha essencia pura. «O sabio não vae todo á sepultura», embora esboie o derradeiro alento.

Renaço eterno em outros... Não receio que se apaguem os echos do meu seio em quanto houver no mundo um parlamento.

J. DE SOUZA MONTEIRO.

JORNAES E REVISTAS

Acaba de entrar no seu terceiro anno de existencia *A Illustração*, revista de Portugal e do Brazil, de que era director e hoje é director-proprietario o Sr. Mariano Pina.

O n. 1.º do 3.º anno é interessantissimo. Dâ-nos o retrato de D. Fernando, — o fallecido rei-artista, cuja memoria tanto tem sido ultimamente arrastada pelas ruas da amargura, — um excellente retrato; gravuras do Palacio das Necessidades, do Castello da Pena, um retrato de D. Maria II, primeira esposa d'el-rei D. Fernando, finnaes de D. Alfonso XII e uma admiravel gravura,

reproduzindo um trecho do magnifico quadro de Ribot—*Os velhos pergaminhos*.

Da *Chronica*, em que Mariano Pina delinea com felicidade o perfil do fallecido monarcha portuguez, transcrevemos o seguinte trecho que é mais uma prova de que D. Fernando era uma grande alma de artista e auctoridade competentissima em coisas de bellas-artes.

Mariano Pina encontrara-se com elle na «Exposição das 100 obras primas do seculo XIX» na Galeria Georges Petit e examinava os quadros expostos em companhia do chronista: «Foi nessa tarde—diz este—que eu admirei em D. Fernando o amator entusiasta de obras d'arte e o grande conhecedor de quadros.

«De cada uma das obras expostas, conhecia a origem e a historia. A primeira vista, sem precisar recorrer ao catalogo, como qualquer *expert* de pintura, reconhecia pelas paredes as piazagens de Diaz, de Daubigny, de Rousseau, de Corot ou de Courbet. Não porque elle os tivesse visto já em alguma exposição ou galeria,—porque muitas pertenciam a colleccionadores inglezes, austriacos, americanos, muitas tinham vindo de Londres, de Vienna, de New-York,—mas porque reconhecia por seu caracter de personalidade, pelo seu estylo, pela sua *maneira*, como se diz nos ateliers, os auctores.

«É o mesmo que entrar numa bibliotheca, encontrar espalhadas paginas de livros differentes, e reconhecer nessas paginas, sem titulo e sem assignatura, os auctores, as paginas que foram escriptas por Julio Diniz, Camillo, Rebello da Silva, Teixeira de Vasconcellos, Chagas ou Ramalho.

«E assim ia apontando todas as telas, uma a uma, sem hesitar, sem se enganar nunca, como se fossem quadros da sua galeria, que elle estivesse habituado a ver todos os dias. E não só reconhecia pela pintura o artista, mas, o que ainda é mais,—qualidade preciosa e rara num colleccionador que não vivia em Paris, em pleno meio artistico—determinar na série de quadros de cada artista em exposição, os que pertenciam á primeira ou á ultima *maneira* do pintor.»

Felicitamos o illustre director d'*A Illustração* por haver esta gloriosamente entrado em seu terceiro anno.

Temos sobre a meza o n. 21 d'*O Domingo*, a nossa congenere collega de S. João d'El-Rey. Graças aos indefessos esforços de seus redactores, os talentosos e pertinazes moços Jorge Rodrigues e José Braga, aquelle hebdomadario,—que nos fez a honra de nos tomar por modelo, ao vir á luz,—tem conseguido galgar todas as barreiras, vadear o dormente Amazonas da indiferença publica, varar todas as difficuldades, e ahí va elle, intrepidamente, na sua bella carreira. Eis as impressões que nos deixou este numero:

É criterioso e bem lançado o artigo de Jorge Rodrigues sobre o excellente livro de Luiz de Andrade *Quadros de hontem e de hoje*. Donicio Gama, novo collaborador d'*O Domingo*,—com o qual terá este, ao que parece, muito a ganhar,—assigna uma interessante conto *As calças do Manoel Dias*, gracioso e escripto com estylo desprezencioso e correcto.

A treplica que nos *Primeiros espinhos* dá J. R. ao seu talentoso collega Alfredo Pinjol, a proposito de um conto do Sr. Tancredo de Mello, ha tempos

publicado no *O Domingo*, é sensata, commedida e, sobre todas, tem a rara qualidade de ser extremamente delicada. Assim, de facto, é que devem discutir collegas que se respeitam mutuamente, e aos seus proprios nomes. Todavia, nesse artigo, encontramos alguma cousa pouco digna de nelle figurar—por não ter nenhuma importancia para os leitores. Tal é a parte relativa ao director d'*A Semana*. Dá-nos este procuração bastante para declarar-o, agradecendo, com tudo, penhoradissimo, tantas e tão grandes provas de benevolencia sympathia. Esteudem-se os poderes da dita procuração a nos auctorisar a responder ao Sr. J. R. que V. M. não tem effectivamente *olhos inquietos*, porque o diabo da myopia deu-lhe aos olhos,—que mesmo antes d'isso não eram espantosamente bellos—uma melancolica fixidez distrahida, que tem, comtudo, a vantagem de fingir ser o bem conhecido *ar abstracto e meditativo do genio*; e ao Sr. Pinjol que o director d'*A Semana* não pertencia nos saudosos tempos da sua meninice ao numero dos *petizes* mais arreliados do *sante monton* e da *cabra-céga* e mais ferozmente apaixonados pelo salutar exercicio de extrahir *significados*.

Foi razoavelmente travesso e discretamente estudioso.

Fica, por esta forma, elucidado, para tranquillidade dos posterios, esse importantissimo ponto da biographia do nosso constituinte.

Quanto ao artigo critico sobre as *Cancões da aurora*,—de que tratou no ultimo numero d'esta folha o nosso collega Alfredo de Souza—devemos francamente manifestar o nosso desagrado. Foi injustissimo o critico para com o merecimento do livro do Sr. Francisco Lins. Os seus versos não são primorosos, é certo, mas muito acceptaveis e auspiciosos.

Não merece nenhuma poesia do volume a dura qualificação de *ultimo disparate em verso*. Os que o critico citou ironicamente como «um primor de metrificacão» são correctos como em geral—o são as *Cancões da aurora*. É cruelmente injusta a asserção de que «rara é a poesia do livro a que falte um attentado contra a grammatica ou contra o bom senso.»

Releia o critico desprezenciosamente o livro, despido de tão excessivo rigor, e ha de arrepender-se do que escreveu sobre o volume de estréa do jovem poeta mineiro, cujo nome lémos pela primeira vez na capa do seu livro.

Para terminar:—*A Semana* fez reparo no verso errado que se encontra na poesia do Sr. J. Rodrigues publicada no n. 18, porque o proprio Horacio não perdoaria a um poeta de talento e de futuro como o auctor das *Fugitivas*—versos errados.

Abre o n. 22 do mesmo periodico com um artigo, não assignado, em resposta ao que nesta folha escreveu Alfredo de Souza sobre as *Cancões da Aurora*, do Sr. Francisco Lins.

Este numero não desmerece dos anteriores, sendo como elles interessante e muito variado.

Estando já escripta e composta a noticia sobre o n. 21 d'*O Domingo*, que achua publicamos, somente no proximo numero poderá o nosso collega replicar ás observações do, por demais severo, critico d'*O Domingo*.

M. VALLATE.

Sociedade Internacional de Estudos Brazileiros

Eis o que sobre esta sociedade diz *Le Petit Journal* de 21 de Janeiro:

«Realisou-se, hontem, no *Lion d'Or*, o primeiro banquete da «Sociedade Internacional de Estudos Brazileiros.»

«Esta sociedade, novamente fundada pelo Sr. Sant'Anna Nery, tem por fim cimentar os laços que unem o Brazil á Franca, tanto sob o ponto de vista litterario e scientifico como sob o commercial e industrial.

«Os diversos *toasts* dos Srs. Araujo, Oliveira, Barral e outros, tiveram todos por fim manifestar aquella idéa.

«O presidente da sociedade, M. Levasseur, membro do Instituto, enunciou que: «os francezes mais que outros povos tinham grandes interesses no Brazil, interesses de que não sabiam aproveitar-se; a nova sociedade que se forma terá por fim principal por seu contacto directo e constante as duas nações e dar um impulso poderoso e fructifero ás letras, ás artes, ao commercio, á industria de nossos compatriotas no Brazil, e reciprocamente.»

«Não podemos deixar de applaudir o fim d'esta «Sociedade Internacional» e fazemos votos pelo seu bom resultado.»

Eis uma oportunidade excellente para dizer á Franca o que a respeito de propriedade litteraria e artistica se faz e se pensa no Brazil e o que nos convem, a nós e a ella, fazer para modificar o lamentavel estado actual.

CORREIO LITTERARIO

ERRATA

Além d'outras incorrecções typographicas mais graves, deram-se as seguintes no ultimo artigo d'esta secção:

«Cumpre que um rico saiba ser» em vez de—*o saiba ser*; e, na mesma phrase, enrequecido» por—*enriquecido*;

«que ha falta de symetria na construcção do setimo terceto...», em vez de—*ultimo terceto*,

Dentre os titulos das poesias citadas, «Noé» em lugar de *Nor*.

POESIA E POETAS

Quantas vezes,—ao tomarmos da penna que tem de trasladar para o papel as cousas que, sob o impulso de uma impressão, geraram-se no nosso cerebro e que não mais podem ali viver,—não meditamos nestes versos profunda-

mente serio que Boileau, o grande satyrico francez, escreveu no começo da sua maravilhosa *Arte Poetica*:

« C'est en vain qu'un Parnase un temeraire
auteur

Pense de l'art des vers atteindre la hauteur:
« S'il ne sent point du ciel l'influence secrète,
« Si son astre en naissant ne l'a formé poète,
« Dans son geine étroit il est toujours captif;
« Pour lui Phebus est sourd et Pégase est
étif.

E' que temos obrigação de respeitar publico que lê, que pensa e que, de volta de seus labores politicos ou de outra qualquer natureza, cuida ainda, por distracção ou sympathia, do movimento intellectual do nosso paiz.

Todo escriptor, para merecer tal nome, precisa ter, alem de uma boa dose de talento, de observação e de estudo, esta qualidade: —senso. Não basta saber encher tirns de papel com cadeias quasi infinitas de periodos; é preciso que pulpite nesses perios los alguma coisa que se imponha—a ideia; alguma coisa que brilliance e encanto — a forma. Escrever, escrever sem outro fito, é não passar além do *Words! Words! Words!* de Shakespeare.

O Sr. Oscar de Amaral acaba de oferecer-nos um volume do seu ultimo poema—*Norival*, que conta nada menos de 391 oitavas em alexandrinos; sendo 36 pertencentes a uma parte, que se intitula *Carta-Prologo*, e as demais a 11 cantos, com os seus respectivos e classicos argumentos.

Norival é um poema simples, tão simples que seriamos muito capazes de dizer que nada tem de poema, embora o seu auctor viesse provar-nos o contrario, lembrando-nos a prolixidade dos seus alexandrinos.

Isto não quer dizer que *Norival* seja indigno de leitura. Não. Nestes ultimos tempos nada tem apparecido, no nosso pequeno mercado litterario, de tão recommendavel nem de tão desopilante como o poema do Sr. Oscar. E' uma obra excepcional. O Sr. Oscar é verdadeiramente um moço de muito talento poetico. O seu *Norival* vale tudo; ha nelle paginas que arrebatam, que levam, por mais melancolico e dyspeptico que estejamos, o nosso espirito ás regiões douradas da alegria, provocando-nos o riso, quando não a gargalhada gostosa e franca.

Com que habilidade o Sr. Oscar soube descrever, pintar-nos o seu *Norival*—o heros do poema! Como interpretou a admiravelmente a escola realista, que tem dado a Emilio Zola muitos inimigos e muito nome, e legado a este seculo algumas obras que hão de viver muitissimo tempo!

O auctor do *Norival* tem na verdade um temperamento desenvolvidissimo de artista. Prova-o este seu ultimo trabalho.

Ah, Sr. Oscar, quando tiver a infelicidade de avisinhar-se da morte, d'esta morte que o Sr. diz que é um

..... ignorado e terrivel problema,
Que do primeiro ser foi o primeiro thema,
Que riu-se da razão, e intelligencia humana,
Matando um velho aqui, la um moço, inhumana,

Alem uma criauga: tudo assim caprichosa
Sem logica á colher o botão, ou a rosa,

exclame como o filho de Agrippina:
« Que artista vae perder o mundo! »

Exclame e desapareça, até que a posteridade, lendo os seus versos, lhe faça justiça: mandando-o direitinho para a immortalidade.

Não julgue que o ourico da ironia deixou nestas nossas palavras as suas puas agulhissimas, com o unico fim de magoal-o.

Não, Sr. Oscar! Aqui não ha ironia; ha simplesmente a manifestação pallida do assombro que nos causou o seu livro.

Assombro este que nos obriga a dizer francamente que achamos delicioso este verso:

Filho do proprio pae, o que não cabe a todos;
.....

immortal esta oitava:

Os calculos do lar feitos a luz da vela,
Das que vem dar a luz a mulher na viella
Do pequeno arraial, no coração d'Amunha
Sorte araloga teve á do ovo da gallinha.
Elle vê Norival, um rapaz, como é rudo!
E na facha infantil elle está cabelhudo,
Descarnado e chorão; realidade fria
E crua, a quem seiscou fogosa poesia!

sorpreendente esta outra:

Um anno se escolou n'ampulheta da chapa.
Passara Norival a se nutrir de papa,
Engordar e crescer; já não era o menino
Que enojado sahio dos ninhos do divino.
Que prazer encaral-o! Andava a quatro pés,
Orgulhecendo o Costa, em quem, de quando
em vez,

A' noite, por descuido, uma ... innocente,
Dava no leito em que dormiam juntamente.

magnificamente sentencioso este verso,
pelo qual *Lulú Senor*, *Ignotus e Filindal*
hão de dar o cavaquinho:

O homem gordo, mamãe, é uma mosca morta;
.....

esplendida, simplesmente esplendida
esta oitava:

Ao despertar o sol, em toda a natureza,
Dizem observações ter tudo mais firmeza,
Mais viço, mais vigor; que qualquer órgão
são, ..

originaes estes versos, com recheio á
franceza:

Ah! se *femme souvent varie* um innocente
E fraco bacharel, um pobre adolescente,
Varie plus vite encor!

magnificos estes:

Vão elles da innocencia ao peccado divino
Sem quasi transição; os muros escalando
No immediato dia ao que erão puro e brando.

e como todo o poema se orna com joias semelhantes ás que acabamos de transcrever, terminaremos com estes versos que nos deixaram, principalmente o

(*) Supprimimos por delicencia a innocente coisa dada pelo *Norival*.

(**) Não; é impossivel transcrever o resto. Remettemos o leitor curioso e heróico á pagina 38, recommendando á sua temeridade as interiores, com especialidade a 28, oitava XVI e ... todas as outras do livro.

ultimo, boqui-abertos, quedos, mudos de admiração:

Fallava portaguez, elle fô observando,
Portuguez do Brazil, ha monioso e brando,
E sonoro ambem; lingua que ainda um dia
Fallará a maior nação da geographia.

Decididamente não é possivel regatear applausos e cumprimentos ao Sr. Oscar de Amaral. Queira pois o illustre e operoso vate receber os nossos sinceros parabens e dar um abraço, por nossa parte, no seu editor, que é um homem de coragem, pois não teve receio de imprimir bons versos num paiz como este, onde todo o mundo, desde o Sr. Pedro II até o Nunes Garcia, é poeta.

ALFREDO DE SOUZA.

COFRE DAS GRAÇAS

Dois preciosos trechos de duas provas escriptas de exame de portaguez, na Instrução Publica.

« O enterro é uma das cousas principais do corpo humano, sem a qual não poderíamos aturar um cadaver. »

« Se o corpo está na igreja, rodeado de seus antigos amigos, rendendo a devida homenagem, sua familia debaixo do maior pranto lastima a perla incencível. »

É illicantes, ein? Garantimos a authenticidade das immortaes tolices supra-transcriptas.

Conversavam dois rapazes.
Chega-se o barão T, um velho que ainda tem espirito; e pergunta:

— E' segredo?
— Não; conversavamos sobre a —
mulher.

— Ah; responle o barão, sorrindo;
isso é quasi sempre assumpto publico.

— Que diabo é isto?
— E' um galope obrigado a guizos.
— Sim? e' certo um galope... *quizado*...

BIBIANO.

LOUCA DE AMOR

Bella, arrancando o seu cabelo de ouro,
Ella passa; o olhar em torvelinho
Afuzila igneus chammas, e do ninho
Dos olhos vóa o dolorido chôro.

Vêde-a: lá vae! Não tarda o sorvedouro
Tragal-a; as aguas em redomoinho
Apresentam-lhe a fauce—antes caminho
Da morte, e gemem num convulso côro.

Torce ollegante as mãos, e divindade
Estranha evôca... e tomba no profundo
Medonho abysmo... Eterna escuridade!

Louca de amor: achásseis lá no fundo
D'esse horroroso barathro a piedade
Que não pudéstes encontrar no mundo:

BERNARDO DE OLIVEIRA.

SPORT

Com grande concorrência e no meio da melhor ordem, realizaram-se no ultimo domingo as primeiras corridas do Prado Villa Isabel, que continúa a firmar os seus créditos de sociedade habilmente dirigida por uma directoria merecedora de geraes elogios.

O programma, que era excellente, teve o seguinte resultado:

No 1º pareo correram os 1.000 metros 9 animaes de meio sangue e a victoria parecia certa para *Dinorah*. No entanto, por uma pequena facilidade do jockey d'esta, *Guanaco* ganhou por cabeça, tendo feito a corrida em 67 segundos, montado pelo honesto jockey Antonio Branco. A *poule* deu \$24\$000 e foi justissima a decisão dada pelo juiz de chegada.

Os 1.609 metros do 2º pareo foram ganhos em 112 segundos por *Eucharis*, seguida de perto por *Savana*. *Sultão* fez uma corrida excellente e com a qual geralmente não contavam.

Correram no 3º pareo (1.000 metros) *Garibaldi*, *Sornette* e *Curubaiá*, sahindo victoriosa esta ultima, em 66 segundos, montada pelo jockey Antonio.

No 4º pareo (1.300 metros) correram 7 meio-sangues, sahindo victorioso em 87 segundos *Druid*, que fez uma bonita entrada no final da corrida, montada pelo jockey Lausinho.

Em 106 segundos *Bolívar* venceu os 1.600 metros do 5º pareo, alcançando *Curubaiá* o segundo lugar. *Bolívar*, montado pelo jockey Arthur, estava aligeirado e fez bonita corrida.

Correram no 6º pareo (1.600 metros) *Bitter*, *Alteza* e *Guanaco*, tornando a ganhar este ultimo em 110 segundos.

No 7º pareo (1.300 metros) a sahida foi muito desfavoravel a *Savana*, que ainda assim alcançou o 2º lugar, sahindo victoriosa *Eucharis*, em 90 segundos.

As 6 1/4 terminou o divertimento e so para as 6 1/2 começou a chover, quando já todo o povo estava nos bonis.

Entre os 3º e 4º pareos, os jockeys Manoel Rodrigues Camargo, Luiz Fiusa e Jorge Luff receberam a quantia de 200\$000 cada um, como gratificação pelo bom comportamento que tiveram durante o anno passado; e de litão a tiracollo, com as cores da sociedade, apresentaram-se na raia e receberam applausos do publico.

Louvores ao Prado Villa Isabel por tão acertada medida e fazemos votos para que as outras sociedades copiem-lhe o exemplo.

A 15 do corrente celebrou o *Jockey Club* uma assembléa geral, na qual foram proclamados socios benemeritos os Exms. Srs. Conselheiro Antonio Prado, Barão de Piracicaba e Dr. Carvalho de Menezes.

Nessa mesma secção tomou a palavra o talentoso Dr. Pinheiro Junior, que brilhantemente defendeu a directoria transacta das acusações de haver muito dispendido com a imprensa em publicações.

Em phrase elegante e criteriosa, demonstrou que na prosperidade das nossas sociedades de corridas muito tem concorrido o jornalismo, defendendo-lhes os direitos e pondo em sahencia os importantes serviços que ellas prestam ao melhoramento da raça cavallar.

Apertamos a mão do distincto orador,

Deve amanhã realisar-se mais uma importante corrida no *Hippodromo Guanabara*. E' de esperar que ella desafie grande concorrência, attendendo-se a que nos diversos pareos acham-se inscriptos animaes bem preparados, conhecidos e em grande numero.

Eis os nossos palpites: no 1º pareo *Savana*; no 2º *Druid*; no 3º *Garibaldi*; no 4º *La Ferthé*; no 5º *Nicoafé*; no 6º *Savana*.

L. M. BASTOS.

THEATROS

Aos artistas do *Theatre Français* foi lida por Octave Feuillet a sua nova peça—*Chamillac*.

Pailleron, o apreciado auctor de «*Le monde ou l'on s'ennuie*» fez já a Claretie a leitura dos primeiros actos da sua nova comedia—*Souris*, cujo principal papel será confiado a Delaunay.

A empresa do Principe Imperial levou á scena no sabbado ultimo a apparatusissima magica do escriptor portuguez Aristides Abranches—*As tres rocas de crystal*.

A concorrência foi muito boa, coisa que não deveria descontentar o Sr. Souza Bastos, que não poupou esforços e dinheiro para a montagem das *Tres Rocas*.

O desempenho por parte de todos os actores agradou muito; tornando-se saliente porem o distincto actor Moutedonio no papel de Thesaur... (a palavra é muito comprida) que foi esplendido!...

A mesma empresa promete-nos para breve mais uma *reprise* da notavel opereta *Mam'zelle Nitouche* secundada por uma grande festa promovida por todos os artistas e empregados do theatro em homenagem á graciosissima actriz Pepa, que se acha, felizmente, restabelecida da molestia que a accommetten ha alguns dias.

O maxixe na Cidade Nova, o quadro novo da *Mulher-Homem*, fez revolução no Sant'Anna...

Pudéra, se o Diogenes, a Mulatinha do caroco e a Opinião pintam o caneco!... Decididamente *A Mulher-Homem* não sahirá tão cedo do palco do Sant'Anna.

O publico assim quer, e o Heller, que não deixa de querer, está só a dizer-lhe:

*Toma conta de mim p'ra você
P'ra lavá, p'ra engommá, p'ra cozê...*

O Biloutra continúa a navegar em mar de rosas.

A empresa da Phenix Dramatica... está ás cristas com a artista Fauny Vernault e vice-versa...

Ai gentes!... Que *questá*!

P. TALMA.

PAGINAS ESQUECIDAS

Desencavámos algures, para regalo dos leitores, os seguintes engraçados versos produzidos em hora de desfastio pela musa travessa e facil do sauloso Bernardo Guimarães:

PARECER E EMENDA DA COMMISSÃO ECLESIÁSTICA SOBRE A FREGUEZIA MADRE DE DEUS DO ANGÚ.

Diga-me cá, meu compadre,
Se na sagrada escriptura
Já encontrou por ventura
Um deus que tivesse madre?
Não pode ser o Deus-padre,
Nem tão pouco o filho - Deus
De que falam taes judeus.
Só se for o Espiritito—Santo;
Mas este mesmo, no entanto,
De que assim hoje se zomba,
Segundo os calculos meus
Deve ser pombo e não pomba.
P'ra haver um deus com madre
Era preciso um deus—femea,
Mas isto é forte blasphemia:
Que horrorisa mesmo a um padre:
Por mais que a heresia ladre,
Este dogma tão crú
Da um deus de madre e de angú
Não é obra de christão,
E não passa de invenção
Dos filhos de Belzeluth.

E se ha um Deus do angú,
Pergunto: porque razão
Não ha um Deus do feijão,
Seja elle cosido ou crú?
Do feijão se faz tutu,
Que não é mau bocadinho,
E, não se seja mesquinhu!
Como o feijão se u gordura
E' cousa que não se atura,
—Deve haver Deus do toucinho.

D'esta trij lice alliança
Nascera uma trindade,
Com que toda a hu nanidade
Ha de sempre encher a puça.
Porem para segurança,
Como angú é dura massa,
E o feijão não tem graça
Regado com agua fria,
Venha para a companhia
Tambem o Deus da cachaça!
Mas, segundo a opinião
De uma minha couadre,
Não pode haver Deus com madre,
Nem de angú, nem de feijão
Tent ella toda a razão,
Segundo os principios seus,
Que são conformes aos meus:
Isto é questão de pan-lla
Não deve Deus entrar nella:
E nem ella entrar em Deus.

Vae, portanto, offerecida
Uma emenda suppressiva:
Supprime a madre—que é viva—
Fica o angú—que é comida.
A commissão convencida
Pelos conselhos de um padre,
Que conversou co' a couadre,
Propo que e desde este dia
Cante-se o tal freguezia
A do Angú de Deus—seu Madre.

Sala das Commissions, 20 de Setembro de 1883

PADRE KERDOLE,
OTTONI,
R. DA LUZ.

FACTOS E NOTICIAS

Partio para a Italia, na semana passada, o illustre pintor Pedro Americo com sua Exma. familia. Infelizmente o seu precario estado de saude obriga-o a abandonar a sua patria, e a trabalhar no Estrangeiro.

No illustre auctor da *Batalha de Avahy* desejamos todas as felicidades, e que inteiramente se restabeleça da enfermidade de que foi soffrendo.

Partio para o Rio-Grande do Sul o Dr. Francisco Pessanha, ultimamente nomeado 2.º cirurgião militar na guarnição d'aquella provincia.

JOANNA

Aos horrorosos soffrimentos infligidos pela sua *senhora*, succumbio no dia 14 a escravidada Joanna. No necroterio foi-lhe feita a autopsia pelos Drs. Thomaz Coelho e Aviran, medicos da policia, e o resultado do exame cadaverico foi já publicado em todas as folhas, o que nos dispensa de reproduzir esse horror.

Tendo o Sr. João Clapp, presidente da Confederação Abolicionista, pedido auctorisação para ser feito o enterro por conta d'esta benemerita associação, e tendo-lhe sido concedido, sahio o corpo ás 5 1/2 da tarde do dia 15 para o cemiterio de S. João Baptista, acompanhado por membros da Confederação, com o respectivo estandarte, e por varios representantes de alguns jornaes.

A *Semana* fez-se representar pelos nossos collegas Filinto d'Almeida e Henrique de Magalhães.

A beira da sepultura o Sr. José do Patrocínio pronunciou uma breve e brilhantissima oração, que emocionou fundamentalmente os assistentes.

Foi este o epilogo sombrio do pavoroso drama da Praia de Botafogo, drama que só por si não chega a constituir uma scena da sanguinolenta e interminavel tragedia da escravidão.

OS FENIANOS

Foi, como se esperava, edenico, ri-bombastico e inenarravel o grande baile dado pela directoria do Club dos Fenianos para inauguração dos seus salões. O salão, cuja decoração ainda não está concluída, é enorme, singela mas elegantemente ornado, um dos melhores da Corte. A concorrência foi grande e as dansas animadissimas; muitas damas *travesties*; flores, luzes, champagne... Uma festa de primeira ordem. Estiveram presentes, correspondendo ao convite que lhes fez a amabilissima directoria, muitos representantes do nosso jornalismo e da nossa litteratura; uma brilhante reunião de homens de espirito, que em muito animou as palestras e o brilho geral da festa. Este facto muito honraria os creditos dos *Fenianos*, se d'isso precisassem. Parabéns aos alegres e distinctos rapazes.

No dia 21 do corrente inaugurar-se-á no theatro Polytheama a grande kermesse em favor das obras do Lyceu de Artes e Officios.

O Congresso Litterario Gonçalves Dias realisono hontem uma esplendida sessão solemne commemorativa do 3.º anniversario da sua fundação.

FALLECIMENTOS

Falleceu na provincia do Rio Grande do Sul, aonde fora pedir allivio aos seus padecimentos, Dantas Junior, o espirituoso rapaz que por tanto tempo foi redactor da *Revista Illustrada* e collaborador de varias folhas. Era um moço estimavel, alegre e digno de apreço pelas suas qualidades de espirito e de caracter.

Causou geral desgosto o passamento do Sr. Barão da Laguna, almirante e senador do imperio. O finado era um homem illustre a todos os respeito e com quantos amigos e admiradores contava provou-o o seu enterramento, cujo prestito era formado por quasi 150 carros. A imprensa foi unanime em render ao fallecido almirante todas as homenagens a que só fazem direito os cidadãos benemeritos.

A *Semana*, associando-se a ellas, apresenta as suas condolencias à consternada familia do venerado morto.

Falleceu tambem na semana transacta o Sr. Celso Galli, gerente do acreditado jornal francez — *Le Sud-Americain*.

Pezames aos nossos collegas e à familia do fallecido.

CONTOS A PREMIO

(Vide o n. 47 d'A *Semana*)

Recebemos mais os dos seguintes Srs. Amilcar Xarpot, Tic-Tac e Carlos Magno.

O prazo para o recebimento dos contos encerrar-se-á irrevogavelmente no ultimo dia d'este mez.

RECEBEMOS

— O *Ramalhete* n. 1—Revista litteraria, dedicada ás moças ouro-pretanas. O nosso novo colleguinha, entre outras cousas do seu artigo de apresentação, diz que pouco se importa com os suicidios, incendios, crimes e flagellos de toda a casta— Faz muito bem. O que o nosso colleguinha deve fazer é tratar de ser agradavel aos seus leitores e ter vida muito, mas mesmo muito longa.

E' o que lhe desejamos.

— Do sr. José de Mello o fasciculo n. 50 do Cadastro da Policia, e o folheto intitulado *Historia do theatro em Portugal*, da excellente *Bibliotheca do Povo e das Escolas*.

— A *Distração* n. 70.

— O *Mequetrefe*— n. 308—Na primeira pagina deu-nos um bello typo da actualidade — *Hygiene e lixo*; na pagina central trata com espirito e bons desenhos da celebre questão dos engraxates, da falta d'agua, da circular do Rapa-ropa, mandando acabar com os capoeiras, e de outras bellezas... e na ultima

pagina apresenta-nos os inauguradores da empresa *lucrativa e de consumo economico no Rio de Janeiro*. Quanto ao texto, já se sabe, bom como sempre.

— A *Estação* n. 3, anno XV. Alem de bellissimos figurinos traz este numero um capricho retrato da distincta cantora Alice Pasca, e uma gravura representando as ruínas do templo de Metaponto.

A parte litteraria vem, como sempre, scintillante. Ha nella trabalhos firmados por Machado de Assis, Lucio de Mendonça, Alfredo Ancora e uma chroniqueta, devida á penna de Eloy, o heroe.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Parciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Cyro de Azevedo. — Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Henriqué de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças. — Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÀS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

DR. ARAÚJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36

HIPPODROMO GUANABARA

PROGRAMMA DA QUINTA CORRIDA

EM 21 DE FEVEREIRO DE 1886

Primeiro parco — NICTHEROY — 850 metros — Animas de menos de meio sangue — Premios: 200\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo — Entrada 10\$000.

N.º	NOMES	IDADE	PELLO	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Zizana.....	4 annos	Castanho	R. de Janeiro.	52 kilos	Azul e estrellas cõr de ouro.	E. M.
2	Savana.....	4 »	Castanho	R. G. do Sul..	52 »	Ouro e cinza.....	F. G.
3	Buchinha.....	3 »	Castanho.....	S. Paulo.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
4	Baguassú.....	6 »	Rosilho.....	Paraná.....	55 »	Vermelho e facha preta....	A. P.
5	Sultão.....	3 »	Libuno.....	Minas Geraes	50 »	Grenat e azul.....	J. F. Vaz.
6	Guacho.....	2 »	Clita.....	R. G. do Sul..	45 »	Preto e br. e bonet enc.e br.	A. M.
7	Cruzeiro.....	3 »	Rosilho.....	Minas Geraes	50 »	Encarna lo e amarello.....	H. C.
8	Ganoso.....	5 »	Alazão.....	R. de Janeiro.	55 »	J. C. V.
9	Ella.....	3 »	Tordilho.....	R. de Janeiro.	49 »	Encarnado e facha preta....	S. A.
10	Pampetro.....	2 »	Alazão.....	R. G. do Sul..	45 »	Azul e branco.....	Joaquim A. Silva.
11	Didi.....	3 »	Pampa.....	S. Paulo.....	53 »	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.

Segundo parco — CONDE DE HERZBERG — 1.009 metros — Inteiros e eguas do paiz até 3 annos — Premios: 350\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo — Entrada 15\$000.

1	Aurora.....	3 annos	Alazão.....	S. Paulo.....	51 kilos	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
2	Druid.....	3 »	Tordilho.....	R. de Janeiro.	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Vampa.....	3 »	Zaino.....	R. G. do Sul..	52 »	Grenat e azul.....	Coud. Paraiso.
4	Nicoafi.....	3 »	Castanho	Paraná.....	50 »	Encarnado e ouro.....	M. P.
5	Regina 2ª.....	2 »	Idem.....	R. de Janeiro.	44 »	Encarnado e branco... ..	Luiz Vaz.

Terceiro parco — HIPPODROMO GUANABARA — 1.750 metros — Animas de qualquer paiz — Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo — Entrada 25\$000.

1	Bella Alliança.....	3 annos	Alazão.....	Inglaterra....	51 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Frauçoise.....	4 »	Idem.....	França.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Garibaldi.....	6 »	Idem.....	Rio da Prata.	59 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Bovita.....	4 »	Idem.....	S. Paulo.....	49 »	Ouro.....	José Machado.
5	Jaguary.....	5 »	Castanho	S. Paulo.....	54 »	Encarnado e branco.....	L. V.

Quarto parco — INTERNACIONAL — 1.000 metros — Animas estrangeiros até 3 annos — Premios: 350\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo — Entrada 15\$000.

1	La Ferthé.....	3 annos	Alazão.....	França.....	53 kilos	Encarnado e facha preta...	S. A.
2	Bella Alliança.....	3 »	Idem.....	Inglaterra....	55 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.

Quinto parco — PROGRESSO — 1.450 metros — Animas do paiz. de meio sangue — Premios: 350\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo — Entrada 15\$000.

1	Bitter.....	4 annos	Preto.....	S. Paulo.....	51 kilos	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.
2	Aranha.....	4 »	Alazão.....	S. Paulo.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3	Aurora.....	3 »	Idem.....	S. Paulo.....	46 »	Vermelho e facha preta....	Coud. Ypiranga.
4	Alteza.....	5 »	Libuno.....	S. Paulo.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Bonita.....	4 »	Alazão.....	S. Paulo.....	49 »	Ouro.....	José Machado.
6	Principe Alberto.....	7 »	Zaino.....	Paraná.....	54 »	Azul e branco.....	José Guimarães.
7	Nicoafi.....	3 »	Castanho	Paraná.....	50 »	Encarnado e ouro.....	M. P.
8	Africa.....	7 »	Preto.....	Paraná.....	51 »	Encarnado branco e ouro..	L. V.

Sexto parco — ANIMAÇÃO — 1.450 metros — Animas de menos de meio sangue — Premios: 300\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo — Entrada 15\$000.

1	Didi.....	3 annos	Pampa.....	S. Paulo.....	46 kilos	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
2	Savana.....	4 »	Castanho.....	R. G. do Sul..	51 »	Ouro e cinza.....	F. G.
3	Buchinha.....	3 »	Idem.....	S. Paulo.....	46 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
4	Eucharis.....	5 »	Tordilho.....	Paraná.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Sultão.....	3 »	Libuno.....	Minas Geraes	48 »	Grenat e azul.....	J. F. Vaz.

Nictheroy. 15 de Fevereiro de 1886.

O 2º secretario, DR. T. GOUVEA.